



IV Mostra de Pesquisa  
da Pós-Graduação  
PUCRS

## O homem e o paradigma ambiental

Fábio Valenti Possamai, Ricardo Timm de Souza (orientador)

*Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humans, PUCRS*

### Resumo

O presente artigo discute a posição do ser humano em relação à natureza, seu poder e conseqüente responsabilidade que tem sobre ela. Ademais, o trabalho objetiva questionar o atual paradigma ambiental, baseado em um humanismo exagerado e responsável pelo estado de coisas que vivemos atualmente; cujas conseqüências podem ser catastróficas – ironicamente, para nós mesmos.

Os filósofos sempre tentaram mostrar que não somos como outros animais, que vivem explorando o mundo com o olfato, meio às cegas. No entanto, depois de todo o trabalho de Platão e Spinoza, Descartes e Bertrand Russell, não temos mais razão do que outros animais para acreditar que o Sol surgirá amanhã.<sup>1</sup>

### Introdução

Uma das principais questões que se apresentam neste início de século, sem dúvida alguma, é a questão do meio ambiente. Estamos vivendo uma crise de paradigma, ao ocuparmos – por iniciativa própria – a posição de “ser superior” em relação a todos os demais seres que habitam a Terra, acabamos por perder nosso lugar nela – algo como se, em uma situação improvável (remetendo-nos às histórias do Barão de Münchhausen, que dizia haver escapado de um buraco puxando-se pelos próprios cabelos), nos expulsássemos de nossa própria casa. Grande parte dos problemas que assolam nosso planeta, e a nós mesmos, deriva de um humanismo levado às últimas conseqüências. Isso pode soar estranho aos ouvidos

---

<sup>1</sup> GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais* – 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 72.

menos treinados, mas o humanismo moderno – bem como seu predecessor direto, o Iluminismo – derivam de nossa herança judaico-cristã ocidental. O termo “humanismo” é um conceito guarda-chuva, mas será utilizado aqui para designar a crença de que o homem, através da ciência e do progresso, pode descobrir a Verdade Absoluta e atingir, afinal, seu objetivo último. Através desse viés religioso, o homem criou para si, e para o mundo, um *telos* (um fim) onde anteriormente não havia nada disso. Passou-se a pensar que, com o progresso da razão iluminista, o homem tornar-se-ia cada vez melhor, mais justo e mais sábio. Entretanto, mesmo o ser humano não sendo superior a nenhum outro ser vivo deste planeta, devemos levar em conta que ele é a única espécie capaz de promover sensíveis alterações no ambiente – se nossa dita “razão” servir para alguma coisa, deveríamos usá-la para agir com mais responsabilidade. Devemos sempre ter em mente a máxima “Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades” – frase cunhada por Stan Lee, escritor e criador de diversos personagens de histórias em quadrinhos. Mesmo não sendo um pensador no sentido formal, sua idéia é bastante filosófica e pertinente à nossa discussão. Jamais poderíamos imaginar uma população de zebras causando um desequilíbrio no clima, nas chuvas ou nos ciclos naturais. Em nossa defesa, contudo, podemos mencionar que houve, em tempos recentes, a aquisição de uma consciência (embora tardia), por parte do ser humano, no que tange seu papel e seu poder em relação à natureza. Parece que finalmente chegamos ao consenso de que nossas ações causam sim grandes interferências no equilíbrio ecológico de nosso planeta. Graças a atuação humana, a homeostase (a condição estável na qual um ecossistema encontra seu equilíbrio) da biosfera está seriamente ameaçada. Contudo, no atual paradigma em que vivemos, grandes mudanças – embora não impossíveis – parecem muito distantes.

Temos de nos contentar com pequenas e graduais mudanças, que talvez dentro de duas ou três gerações consigam se concretizar plenamente. Talvez estejamos presos a nós mesmos, e jamais conseguiremos enxergar nada além do ser humano. Acreditamos que as questões que tanto nos incomodam, de cunho ontológico-epistemológico (Realmente existimos? O tempo é real? O Universo e todo o resto existem realmente ou não passam de mera ilusão?), embora incrivelmente atraentes, não têm lugar nessa discussão e pouco poderiam fazer para alterar o *status quo*. A Ética Ambiental surgiu como uma resposta do homem ao próprio homem – é a afirmação que aspectos éticos podem ser aplicados ao outro, e não somente ao ser humano. Nesse sentido, é um passo à frente – poderíamos até mesmo dizer que é uma espécie de “avanço”.

## Considerações finais

A questão ambiental assumiu hoje uma inegável dimensão ética, e como tal, diversos aspectos da vida humana se entrelaçam nela. Além de aspectos ético-morais, ocorre a influência da política, da economia, da cultura e da religião sobre o homem e sua atuação em relação ao meio ambiente. Ainda não sabemos o que acontecerá a longo prazo, mas uma coisa podemos afirmar, as ações do homem interferem sim no meio ambiente e no ecossistema terrestre. É patente que temos uma capacidade e um poder de criação (e de destruição) que nenhum ser não-humano é capaz de rivalizar.

As questões envolvendo a ciência tornam-se complicadas pois ela não aumenta somente o poder humano, mas intensifica também as imperfeições humanas. Se por um lado a tecnologia nos permite viver mais e ter um padrão de vida mais elevado, por outro ela pode causar destruição (a nós mesmos e ao planeta) em uma escala jamais vista. O homem, quando se coloca no centro de tudo, crê que pode controlar totalmente a tecnologia, quando na verdade o que provavelmente acontecerá é justamente o contrário. Deprendemos de toda essa discussão, que o ser humano, mesmo não possuindo um *status* ontológico superior a nenhum outro ser vivo (Darwin deixou isso bem claro), é o único possuidor do poder (ou falando em termos aristotélicos, da potência dos contrários) de alterar sensivelmente sua vida e a vida dos demais seres. A partir disso, devemos ter em mente que, na condição de “jardineiros do planeta”, somos responsáveis por ele – temos que tratá-lo da melhor maneira possível. Não interessa se somos melhores ou superiores ao resto dos seres vivos, o que importa é que, se somos capazes de destruir e também de criar, deveríamos cuidar um pouco melhor de nosso jardim.

## Referências bibliográficas

1. GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais* – 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 72.
2. ARENDT, Hannah. *A Condição Humana* – 10ª Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
3. GRAY, John. *Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais* – 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.
4. GRAY, John. *Missa Negra* – Rio de Janeiro: Record, 2008.
5. PELIZZOLI, M.L. *A emergência do paradigma ecológico: Reflexões ético-filosóficas para o século XXI* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
6. PELIZZOLI, M.L. *Correntes da ética ambiental* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
7. ZILLES, Urbano. *O caráter ético do conhecimento científico* – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.